

Em nome da civilização: O Mato Grosso no olhar dos viajantes

Carlos Alexandre Barros Trubiliano¹

RESUMO: No final do século XIX e início do XX, as teorias evolucionistas de Herbert Spencer, as leis de desenvolvimento da sociedade de Comte e o racismo científico de Arthur de Gobineau, exerciam forte influência nos homens da ciência, norteavam políticas de Estado e serviam como bases para justificativas de intervenções e incorporação de vastas regiões do globo à dinâmica de expansão do capitalismo. Diante dessa perspectiva, Mato Grosso foi caracterizado como um grande espaço “vazio” a espera de “colonização”, longe do tempo do “progresso” e da “civilização”. Etnólogos, geógrafos, geólogos, naturalistas, cientistas dos mais variados campos, viajaram para o território até então desconhecido, em busca, além do “exótico”, de potencialidades econômicas. O objetivo desse artigo é compreender através dos relatos desses viajantes as representações do território, configurando o Mato Grosso como uma *região*, ou seja, um espaço geográfico e social, cujas características naturais e culturais o definiriam como um ambiente “hostil”, lugar da “barbárie”, do “atrasado” e da “selvageria”.

Palavras-chave: Identidade; Mato Grosso; Progresso; Civilização

In the name of civilization: The Mato Grosso in the eyes of travellers

ABSTRACT: In the late nineteenth and early twentieth century, evolutionary theories of Herbert Spencer, the laws of development of society and the scientific racism of Comte Arthur de Gobineau, exerted strong influence on men of science, guided policies of State and served as bases for justifications of interventions and the incorporation of large parts of the globe to the dynamic expansion of capitalism. Given this perspective, Mato Grosso has been characterized as a large "empty" space waiting for "colonization", away from the time of "progress" and "civilization." Anthropologists, geographers, geologists, naturalists, scientists from various fields, traveled to the territory hitherto unknown, in search, as well as "exotic", the economic potential. Purpose of this paper is to understand through the accounts of these travelers representations of territory, setting the Mato Grosso as a region, at a geographic and social, natural and cultural features which define the environment as a "hostile," instead of "barbarism", the "backward" and "savagery."

Keywords: Identity, Mato Grosso, Progress, Civilization

¹Doutorando em História - UNESP / Franca e Bolsista FAPESP, trubiliano@hotmail.com

A utilização dos relatos de viajantes para a compreensão do espaço e dos habitantes das regiões mais afastadas do Brasil tem se mostrado nos últimos anos como fonte privilegiada para a escrita da história. A aspiração pela descoberta do “exótico” permitiu a produção de registros científicos ou não, acerca de territórios até então desconhecidos.² Variados interesses condicionavam o olhar desses viajantes, desde questões pessoais até pesquisas institucionais. Nas palavras de Alain Corbin “não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado os seus olhares vivendo suas emoções” (CORBIN, 1989, p.7).

Interpretar o olhar desses viajantes pode orientar análises sobre o modo de ver e perceber o espaço que, para além dos diversos interesses, se realizava a partir do mesmo prisma: o de um observador estranho ao ambiente que está sendo investigado. Buscamos então, nesse artigo, compreender os parâmetros definidores de “progresso” e “civilização” que acabaram por atribuir uma identidade para o Mato Grosso, configurando-o como uma *região*, ou seja, um espaço geográfico e social, cujas características naturais e culturais definiriam o seu lugar específico na geografia e na história do “mundo civilizado”. Desse modo, localizamos ao nosso leitor o tempo, espaço e o homem mato-grossense.

Viajar para Mato Grosso, em meados do século XIX e início do XX era aventurar-se em uma parte do globo considerada incógnita. O viajante que partisse da capital do Brasil, em direção a Cuiabá, teria que dispor de no mínimo um mês, caso optasse pelo navio a vapor ou de três a quatro meses se a rota fosse terrestre.

Nas palavras de Karl von den Steinen, Mato Grosso situava-se no “coração da América do Sul”, sendo ali o próprio “confim do mundo” (STEINEN, 1942, p. 23). Por meio da análise da escrita do etnólogo alemão temos a dimensão do isolamento da região. Steinen fez minuciosa descrição das léguas percorridas ao longo de “cansativos” dias, marcados por “percalços de viagem”. A escrita é construída como que para levar o leitor a deparar-se com um lugar perdido no tempo e no espaço, separado de qualquer vestígio civilizacional,

² Como nos informa Eric Hobsbawm, em meados do século XIX, até mesmo nos melhores mapas europeus, imensas áreas de territórios da África, Ásia central, do interior da América do Sul e partes da América do Norte e Austrália, estavam marcadas em branco. Para mais informações ver HOBBSAWM, E. *A Era do Capital (1848-1875)*. RJ: Paz e Terra. 1979, p. 68.

isolado, intocado pelo homem em meio à imensidão da mata virgem. Sua narrativa fez da viagem uma verdadeira odisséia e do viajante um herói que trava uma épica batalha contra os desconfortos causados pelas intempéries climáticas, as doenças provocadas pelo ambiente hostil e os perigos que se escondem nas matas, seja na forma de animais ferozes ou de índios bravios.

Chamou-nos a atenção a construção da noção de distância pelos viajantes, mensurada não apenas pelo tempo gasto na viagem, mas também pela ausência de estruturas urbanas e as poucas aglomerações rurais durante o trajeto. Chegar a Cuiabá era, sob o olhar dos viajantes, percorrer um longo caminho através da natureza intocada, sem sinal da presença do homem “civilizado” e apenas na companhia dos diversos povos indígenas que ocupavam a região. Tal perspectiva de distância, obviamente considerando a origem dos viajantes, incorpora signos civilizacionais. Explica-se: na passagem do século XIX para o XX, a emergência do vapor, telégrafos e trens ressignificavam as distâncias, na medida em que permitiam o fluxo ininterrupto de pessoas, informações e, em especial, de mercadorias. A representação espacial, portanto, ligava-se à possibilidade do contato com o comércio, indivíduos e ideias. Ficar longe significava, desse modo, privar-se de todas as experiências e benesses que somente a civilização propicia: “Que dulce es sentir el eco humano armonizado por la civilización” (BOSSI, 1865, p.124).

Mato Grosso visto pelo ângulo do território a ser colonizado, marcado por limitadas vias de comunicação e poucas relações produtivas, conduz o imaginário do viajante para um lugar longe, não apenas no espaço, mas, sobretudo na dinâmica do tempo. Logo, no tempo da velocidade, da tecnologia e do aglomerado populacional elementos inerentes às cidades entram em choque com a natureza inerte. O tempo do “progresso” e da “civilização” distanciava-se na medida em que ele aproximava-se de Mato Grosso.

No final do século XIX o geólogo estadunidense Herbert Smith, em sua viagem pelo rio Paraguai, registrou uma estranha sensação de deslocamento em relação ao seu próprio tempo diante do desconhecido:

Experiência estranha era esta de viajar por uma soledade aparentemente infinda, como se o nosso vapor moderno imergira súbito em algum país pré-histórico, onde o homem nunca plantara o pé e a natureza sonhava ainda da castidade primitiva (SMITH, 1922, p. 249).

Mato Grosso notabilizava-se por sua imensidão, sendo o segundo maior estado da República em extensão territorial. Atrás apenas do Amazonas, englobava, até meados do século XX, as áreas que correspondem os atuais estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, totalizando uma superfície de 1.378.783,50 Km², com uma população estimada de 191.145 habitantes, o que lhe conferia a menor densidade demográfica da federação com apenas 0,139 habitantes por quilômetro quadrado em 1912.³ Sobre a desproporção entre território e habitantes, Karl von den Steinen afirmou que em Mato Grosso caberia a Alemanha, a França e a Itália, e que sua população atual não era suficiente para ultrapassar o “vigésimo sexto lugar na série de cidades alemãs!” (STEINEN, 1942,p. 37).

A baixa densidade populacional de Mato Grosso também foi relatada pelo expedicionário belga Ferdinand Nijs⁴ (*apud* GALETTI, 2000, p. 91): “sua população civilizada é de 50.000 habitantes, e pode-se avaliar em 10.000 o número de índios que aí vivem”. Embora os dados sejam conflitantes, o fato é que os dois números apresentados revelam a pequena ocupação do território, e por extensão seu precário desenvolvimento, uma vez que no início do século XX a densidade populacional servia de parâmetro usualmente aceito para mensurar o progresso de uma dada localidade.

A percepção do domesticar a natureza conforme os propósitos da civilização, transformando territórios incultos em áreas de cultivo ou cidades, como medida de progresso está presente, por exemplo, na obra de Augusto Comte (1978). Em sua análise sobre a *dinâmica social*, o autor atribui à condensação populacional num dado espaço um dos fatores primordiais para o estabelecimento do *progresso e da civilização* (COMTE, 1978).

A contraposição da vastidão territorial do Mato Grosso e sua pequena população, bem como a constatação de que a maior parte deste espaço era desabitada ou habitada por povos indígenas foram determinantes para o estabelecimento da representação do Mato Grosso como um deserto selvagem

³ Fonte para o cruzamento de dados: População, superfície e densidade territorial do Brasil (1912) com o crescimento médio anual (1872-1912) In: *Anuario estatístico do Brasil 1908 - 1912*. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística, v. 1-3, 1916-1927. Exemplar disponível na Biblioteca do IBGE/ Unidade estadual de Mato Grosso do Sul.

⁴ Ferdinand Nijs foi um engenheiro e militar belga enviado ao Brasil em 1899 para supervisionar uma comissão responsável por avaliar as potencialidades econômicas e de investimentos em Mato Grosso, a pedido de empresas belgas.

e inóspito. O imaginário sobre o espaço, daqueles que se aventuravam adentrar o sertão mato-grossense, assim como Steinen, oscilava da visão paradisíaca – “Ah! Se o leitor pudesse chegar aqui para entusiasmar-se e regalar a alma nestas paragens!” (STEINEN, 1942, p. 57), ao inferno na terra, em vista das nuvens de mosquitos, animais ferozes, índios selvagens, climas insalubres, febres malignas e privações de toda espécie, situações que levaram o mesmo etnólogo alemão a constatar: “O que nos fascina é o que vemos, uma ou mais vezes, como turistas, porquanto só à idéia de viver aqui já sentimos horror” (STEINEN, 1942, p. 57). Mato Grosso era um grande espaço “vazio” a espera da “civilização”.

Diante da vastidão territorial, o espaço embora fosse compreendido como “vazio”, estava habitado. No tocante as representações sobre seus habitantes, nos escritos dos viajantes, homem e natureza não se apresentavam separadamente. A percepção da imagem desses sertanejos e de seus hábitos baseava-se na simbiose entre o ambiente hostil e a contingência do viver na imensidão “vazia”.

Na elaboração da imagem do mato-grossense, a presença indígena ocupará lugar central nos relatos dos viajantes, seja como objeto de estudos de etnólogos e naturalistas ou como elemento que compõe o ambiente a ser explorado, percebidos mais como um dado da paisagem natural do que como contingente populacional. Nesse sentido, alguns estudos trazem não apenas a descrição geológica, climática, hidrográfica, de fauna e flora da região, mas observações etnológicas com variadas informações, contendo até sugestões de como “aproveitá-los assim como um recurso natural” (CASTRO, GALETTI, 1994, p.75).

No final do século XIX o comerciante Joaquim Ferreira Moutinho, informava em *Notícia sobre a Província de Matto Grosso*⁵ uma estimativa da população indígena na região: “Quanto á população aborigene faltão os precisos dados para avaliá-la; mas alguma rasão ha de suppôr que não excede de 24,000 almas” (MOUTINHO, 1869, p. 115). Confrontando esses dados com a dimensão territorial de Mato Grosso, a compreensão de espaço vazio e

⁵ Essa obra que nos ultimos anos tem sido frequentemente requisitada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento encontra-se disponível para consulta no formato digital na ferramenta do Google: Livros.

improdutivo é reforçada. Deste modo, a argumentação de Moutinho fazia parte de um discurso mais amplo de que era dever do Estado colonizar o espaço e civilizar o gentio em nome do progresso.

Tem a provincia de Matto-Grosso uma população constante, segundo o calculo do sr barão de Melgaço de 24,000 almas, que não presta serviço algum. Referimo-nos aos indios bravios dispersos pelo seu vasto território, errantes, sem conhecimento ou idéa alguma da civilização. (...) A catechese d'esses indios é medida de summa importancia para a provincia, mas infelizmente o governo ainda não comprehendeu esta necessidade (MOUTINHO, 1869, p. 133).

Devemos alertar que a visão generalizante do índio enquanto obstáculo a ser superado pelo progresso não inviabilizou que diversas etnias fossem avaliadas em suas especificidades. Entretanto, nos relatos é possível observarmos alguns pontos em comum nas apreciações. A priori, fazia-se a diferenciação entre os silvícolas *bravios* ou *selvagens*, considerados *violentos* e *traíçoeiros*, arredios à civilização ou sem qualquer contato com ela; e os *mansos*, avaliados como *pacíficos* e propensos à integração da vida *civilizada*. Em ambos os casos, o observador, geralmente ressaltava a maior ou menor aptidão para o trabalho, bem como a capacidade de adesão aos valores civilizacionais.

Diante desses critérios, as sociedades indígenas passavam a ser identificadas como *laboriosas*, porque possuidoras da aptidão para o desenvolvimento de atividades agrícolas ou *indolentes* e *preguiçosas*. Contudo, indiferente às características étnicas, os prognósticos dos viajantes, marcados por uma forte perspectiva evolucionista, apontavam que a civilização dos índios era apenas uma questão de tempo. Nesse sentido, o naturalista e diretor do Museu Paulista, Hermann Friedrich Albrecht von Ihering, vai a público em 1911, através do jornal *O Estado de S. Paulo*, e defende o extermínio dos Kaingang, em nome da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil. Embasado nos modelos evolucionistas e deterministas, o naturalista alemão condenava "*grupos indígenas inferiores*", para que a "*civilização fizesse o que a natureza tardaria a conseguir*", já que os mesmos desapareceriam pela "*mera ação da natureza*" (SCHWARCZ, 1993, p. 130).

Outra questão no tocante a presença indígena na vastidão territorial mato-grossense foi a sua associação como elemento perigoso à vida dos civilizados. A constituição da noção de Mato Grosso como um território violento é revelada também nos relatos de ataques de indígenas, o que contribuiu para a elaboração da representação de um espaço inseguro habitado por selvagens.

Em 1851, quando pela primeira vez viajamos para Cuyabá, em companhia do nosso amigo o sr. tenente coronel João Gualberto de Mattos, fomos cercados á noute pelos indios Coroados que nos forçarão a passar em vigília. A tropa deixou o encosto, e veio agglomerar-se em torno de nossa barraca, como costumão fazer quando sentem a catinga das onças ou dos índios (MOUTINHO, 1869, p. 29).

O relato de Moutinho revela além de um comportamento de segurança, possivelmente padrão, mediante a um hipotético ataque ao acampamento, outro elemento interessante que devemos destacar: em sua narrativa o índio e a onça são equivalentes, tanto em sua periculosidade, modo de ação, quanto nas características físicas, nesse caso ambos são identificados por seu odor, ou nas palavras do autor sua “catinga” e utilizam-se “traíçoeiramente” da noite. Logo, homem e natureza se confundem.

De modo geral, nas narrativas dos viajantes, a presença indígena molda a percepção estigmatizada de que o território mato-grossense era dominado pela barbárie. Imagem essa que nada perde em sua força, quando se refere às representações sobre o segmento não-indígena da população local (GALETTI, 2000; ZORZATO, 1998; CORRÊA, 1995).

No final do século XIX, teorias como evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o darwinismo social, exerciam forte influência nos homens da ciência e do Estado (SCHWARCZ, 1993). O que se observa nas descrições étnicas da população mato-grossense feitas pelos viajantes, presentes na imprensa e em documentos oficiais da época, é uma tentativa de identificar a população local. Diante dessa perspectiva, Moutinho assim descrevia os habitantes de Mato Grosso:

A população da provincia é a mais mesclada que temos visto: ali se vê o bugre, o caboclo, o caburé, o cabra, o mulato, o negro e o branco; mas as raças principaes, são o branco, que é - o européu ou descendentes d'este, o negro- que é o africano e o indio que é puramente o brasileiro. Do crusamento d'estas raças, nasce o mulato que é filho de um branco e de

uma negra, ou vice versa; o caboclo que é filho do branco com a índia, ou vice versa; o caburé que é filho do índio com a negra e vice versa; o cabra que é filho do mulato com a negra, etc... (MOUTINHO, 1869, p. 117).

Para Lília M. Schwarcz (1993), a “sciencia” que chega ao Brasil no final do século XIX não tinha caráter experimental, e sim um modelo evolucionista e social-darwinistas, originalmente popularizados enquanto justificativas para a ação imperialista de dominação. Deste modo, a compreensão sobre a miscigenação da população mato-grossense foi interpretada como uma deformidade, a exemplo das palavras do expedicionário Belga Ferdinand Nijs:

Talvez vocês já tenham tido oportunidade de escutar pessoas se lastimarem da degeneração de nossas raças européias. (...) Deixem menosprezar estes descontentes, pois, é certo que após uma visita a Mato Grosso eles se regozijariam de pertencer à nossa raça (...). Imaginem vocês, pessoas de tez uniformemente pálida e doentia, preguiçosas, atingidas por uma espécie de languidez indolente que formarão uma imagem do aspecto físico dos habitantes de Mato Grosso. (...) Não. Esta raça é muito feia. Apesar do pó de arroz e dos fortes perfumes utilizados com frenesi pelas mulheres (...) elas em nada são comparáveis às nossas companheiras (NIJS, 1901, p. 09-10, *Apud* GALETTI, 2000, p. 113).

A miscigenação era avaliada como um entrave ao progresso de Mato Grosso, uma vez que o índio e o africano, considerados como raças inferiores, preponderavam na formação dos habitantes locais⁶. Diante da “maléfica” influência da mestiçagem, o mato-grossense seria qualificado, geralmente, nos relatos dos viajantes como *indolente*, *preguiçoso*, pouco afeito a hábitos, costumes e propensões psicológicas características do homem *civilizado* (GALETTI, 2000)⁷.

Os costumes dos mato-grossenses foram notados pelos viajantes. O pintor francês Hércules Florence, que acompanhou a expedição Langsdorff,

⁶ O pesquisador Valmir Batista Corrêa, em seu estudo de mestrado analisou os dados populacionais de Mato Grosso de 1815, informando que entre a *população livre* a predominância é de mestiços com 7.908 indivíduos, em relação aos brancos que somavam 5.813 indivíduos e dos negros com 2.656 indivíduos. No tocante a *população de escravos* registrava-se 9.319 negros e 1.569 mestiços. Logo em termos globais, no início do século XIX, Mato Grosso possuía uma população de: 10.888 negros, 9.477 mestiços e 5.813 brancos e (BATISTA CORRÊA, 1976).

⁷ Entre os séculos XIX e XX, podem ser lidas apreciações sobre os malefícios da miscigenação dos brasileiros em relatos de viajantes europeus que estiveram em outras regiões do País. A exemplo dos relatos de Johann. B. Spix e Karl. Ph. Martius **Viagem pelo Brasil**; Auguste de Saint-Hilaire **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco (1816-1822)**; Emmanuel Pohl **Viagem ao interior do Brasil**; Louis Agassiz e Elisabeth Cary Agassiz **Viagem ao Brasil**.

impressionou-se com as relações afetivo-sexuais, atribuindo o isolamento e o “pernicioso influxo do contato dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não vêm peia à sua expansão” (FLORENCE, 1977, p.146) ao estabelecimento de certa libertinagem entre os habitantes.

Tão pouca população provém de que não há 125 anos que Cuiabá foi descoberta e todos quantos procuraram estas terras atraídos só pela posse do ouro, uma vez conseguido esse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas em país civilizado. Os que se deixaram ficar, ricos em pouco tempo e no meio de solidões, só cuidaram em satisfazer seus sentidos. **Entregaram-se a grosseiros prazeres e viveram com amásias, não se lhes dando de formar famílias e educar os filhos**, quando os tinham, nos são princípios da religião e da moral (FLORENCE, 1977, p. 146. **Grifo nosso**)

O isolamento também é compreendido como um dos explicativos para que os habitantes locais falem mal uns dos outros. Joaquim Moutinho aconselha os viajantes recém chegados a Mato Grosso a não procurarem contrair amizades, evitando “futuros desgostos”, uma vez que ha “falta de franqueza ou lealdade inerente ao caracter dos cuyabanos, como ao de todo o povo creado em lugarejos pouco illustrados” (MOUTINHO, 1869, p. 117).

O naturalista inglês Francis Castelnau, em passagem por Mato Grosso, delineou alguns aspectos sobre os costumes *perniciosos* dos mato-grossenses, atribuindo aos mesmos a *imoralidade* de serem bêbados, jogadores inveterados, violentos e brigões, dados a divertimentos lascivos, como o batuque, e “às mais vergonhosas orgias” a que “freneticamente” se entregavam (CASTELNAU, 2000, p.165).

A indolência e falta de espírito empreendedor, características identificadas nos mato-grossenses, “chocavam” os viajante em virtude das potencialidades que os mesmos julgavam que a natureza oferecia, já que contrastava com a essência do homem civilizado considerado ambicioso, disposto para o trabalho e desejoso de acumular bens. Ante esse cenário, a explicação para “a fome e a miséria são só devidas à preguiça do povo, que ali devia viver na abundância”. João Moutinho considerava inaceitável que

(...) homens robustos que **passão a vida em continua bebedeira**, deitados debaixo de miserias palhoças, acordando sómente para comerem

um pouco de mandioca, porque recusão 30\$000 por mez para servirem como creados ou camaradas.

Não será tudo isto negação completa ao trabalho, amor excessivo á preguiça? (MOUTINHO, 1869, p. 32. **Grifo nosso**)

Mesmo as camadas mais abastadas da população mato-grossense, que buscavam adotar hábitos e costumes de origem europeia, um possível exemplo de comportamento mais civilizado ou moderno, não escapavam das críticas, quase sempre preconceituosa, dos viajantes. Para Nijs, embora alguns tenham herdado “costumes europeus, portugueses na maior parte de seus hábitos”, os mato-grossenses eram “orientais por suas maneiras e costumes ociosos e fúteis” (NIJS, 1901, p.12, Apud GALETTI, 2000, p. 122), como exemplo,

As mulheres não fazem nenhum trabalho manual, contentam-se em tocar bastante mal o piano e a espiar os passantes através das fendas das janelas. Os homens, diária e calmamente se regozijam com seus passeiozinhos pela cidade, parando nas diversas lojas ou se mantendo em permanentes reuniões políticas. (...) Entretanto, muitos deles possuem vastos terrenos dos quais negligenciam seus valores, nos quais não plantam árvores por não estarem certos de poder colher seus frutos ou por preguiça, ou por desconfiança, por vaidade acabam arrendando-os a terceiros para que estes o façam, de modo a garantir proveitos para a sua progenitura. Numa só palavra, eles só trabalham se obrigados pela necessidade de sobrevivência. Enfim, eles são exigentes, mas, a noção que têm de bem estar é bem simples (...): dormir convenientemente, almoçar nas horas desejadas, ser livre para a política, não se ocupar de afazeres das mulheres e das crianças e, sobretudo (oh! sobretudo) poder freqüentemente, em tempo se possível bem dilatado, se balançar em suas redes (NIJS, 1901, p. 11, Apud GALETTI, 2000, p. 122)

Nessas apreciações sobre os grupos mais abastados, as críticas mais constantes dirigem-se, sobretudo, ao comportamento político das autoridades e dos proprietários locais, por fazerem uso do bem público em prol de interesses privados. Para os viajantes era incompreensível que donatários de extensas áreas priorizassem disputas por cargos ao invés de explorarem as potencialidades da terra: “os habitantes fazem política e vivem das somas que o tesouro lhes fornece. Um cargo ou mesmo um cargozinho qualquer é objeto de toda a ambição e toda especulação” (STEINEN, 1942, p. 68).

A ambição e disputas por cargos de poder contrastavam com a ausência de empenho no que diz respeito ao trato com os negócios, afetando as atividades produtivas, uma vez que “a instabilidade dos poderes e a falta de confiança, sua corolária, impedem toda a expansão comercial sufocando todas

as suas iniciativas” (NIJS, 1901, p. 20, Apud GALETTI, 2000, p. 122). Para os viajantes “a política sempre infausta” (MOUTINHO, 1869, p. 269) no Mato Grosso era fruto de uma sociedade incivilizada, caracterizada pela irracionalidade até mesmo no que tange a administração pública, gerando instabilidade no governo e por conseqüência um estado de *barbárie*. Vale informar que o período dos relatos dos viajantes, entre do século XIX e início do XX, foi marcado por várias revoltas em todo o país.

O olhar civilizador partilhado pelos viajantes, em muitos casos, funcionários de potências imperiais, industriais e financistas, que se empenhavam em conhecer e *desbravar* espaços *remotos*, qualificados como *vazios* e/ou pouco povoado, deslocados de um tempo cuja essência era o *progresso*, buscavam através das teorias evolucionistas de Herbert Spencer, das leis de desenvolvimento da sociedade de Comte e o racismo científico de Arthur de Gobineau, as justificativas para intervenções e incorporação de vastas regiões do globo à dinâmica de expansão do capitalismo. Tal operação foi conceituada por Fernando Coronil (2005) de *ocidentalismo*.

Neste sentido havia a compreensão de que as populações negras ou mestiças que habitavam regiões como Mato Grosso estariam ainda em um estágio inferior de *civilização*, próximo à *barbárie*. No tocante as etnias indígenas, insistimos, os viajantes acreditavam que elas viviam em um estado de completa *selvageria*. Tal percepção era compartilhada pelos habitantes de outras regiões do Brasil, culminando na ideia geral de que Mato Grosso estava distante, nos confins *da nação*, carente do *progresso*.

Diante dessa perspectiva, houve uma política republicana para ocupar e integrar “sertões incultos” às “áreas civilizadas”, objetivando difundir a “cultura nacional”. Para o Estado-nacional era imprescindível “civilizar os habitantes” dos sertões, espaço compreendido como “o lugar do atraso técnico, de maneiras e comportamentos antigos, da barbárie e violência, da natureza ainda virgem e indomável, da negação da cultura e da civilização” (MACIEL, 1998, p.129).

A política de Estado do recém-instaurado regime Republicano, norteado pela “ordem” e “progresso”, buscou o uso de instrumentos *civilizacionais*, para modificar o comportamento dos sertanejos. Para tanto, construiu-se monumentais estradas, ferrovias e telégrafos. Nessa perspectiva o

espaço considerado “vazio” passaria a ser ocupado pelo “progresso” e povoado pela “civilização”. Os efeitos colaterais da “civilização” são sentidos ainda no século XXI: conflito pela terra, o massacre dos povos indígenas e a destruição de ecossistemas foram o “preço” pago em nome do “sonhado desenvolvimento”. Mas esses efeitos são temas para outras reflexões.

REFERÊNCIAS

BATISTA CORRÊA, Valmir. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso: 1889-1943*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1995.

_____. *Mato Grosso: 1817-1840. E o papel da violência no processo de formação e desenvolvimento da província*. (Mestrado em História), São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976.

BOSSI, Bartolomé. *Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo y Cuiabá y el Arino tributario del grande Amazonas con la descripcion de la provincia de Mato Grosso bajo su aspecto fisico, geográfico, mineralojico y sus producciones naturales*. Paris, Liv. Dupray Mahérie, 1865.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CASTRO, Maria Inês M. & GALETTI, Lylia S. G. Histórico dos usos da biodiversidade em Mato Grosso. In: Castro, Carlos F. A. (org.). *Diagnóstico do setor florestal em Mato Grosso*, Brasília, 1994.

COMTE, Augusto. *Curso de Filosofia Positiva*. In: Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CORBIN, Alain. *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORONIL, Fernando. *Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. São Paulo, Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo. 1977.

GALETTI, Lylia S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. (Doutorado em História) FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

HOBBSAWM, E. *A Era do Capital (1848-1875)*. RJ: Paz e Terra, 1979.

MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio*. Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: Educ/FAPESP, 1998.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Mato Grosso*. São Paulo, Henrique Schroeder, 1869.

NIJS, Ferdinand. *Voyage au Matto Grosso*. Études Coloniales, n. 8-9, Bruxelles. août-septembre, 1901.

POPULAÇÃO, *superfície e densidade territorial do Brasil (1912) com o crescimento médio annual (1872-1912)* In: *Anuario estatístico do Brazil 1908 - 1912*. Rio de Janeiro: Directoria Geral de Estatística, v. 1-3, 1916-1927.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SMITH, Herbert. *Do Rio de Janeiro a Cuyabá - Notas de um Naturalista*. São Paulo, 1922.

STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central*. Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu. SP: Comp. Ed. Nacional, 1942.

ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. (Doutorado em História) FFLCH/USP, São Paulo, 1998.